



Universidade, trabalho docente e saúde mental: cartas dos professores universitários

Eva Flávia de Oliveira da Silva¹,

Cássia Beatriz Batista²,

¹Universidade Federal de São João Del Rei, Minas Gerais, Minas Gerais, Brasil. ² Universidade Federal de São João Del Rei, Minas Gerais, Minas Gerais, Brasil. E-mail: flaviaoliveiravoley@aluno.ufsj.edu.br

Resumo: Nos últimos anos, houve transformações significativas no ambiente universitário. Essas alterações têm impactado o trabalho dos docentes, que enfrentam diversas demandas além do ensino, pesquisa e extensão, somados as tarefas administrativas e institucionais. Tal cenário tem levado a precarização do trabalho docente universitário, com aumento da intensidade e extensão das jornadas, levando à escassez de tempo para os docentes. Neste artigo, analisaremos a forma de trabalho dos docentes, buscando compreender sua relação com problemas de saúde mental. Utilizando uma abordagem qualitativa, baseamo-nos em narrativas, troca de cartas entre os docentes, além das contribuições de Mancebo (2007), Antunes e Braga (2009), Bosi (2007) e Lemos (2014) entre outros. Os resultados apontam que o trabalho realizado neste contexto afeta não apenas o dia a dia desses profissionais, mas também sua saúde mental. Compromissos em excesso e sobrecarga têm levado a danos na saúde mental desses profissionais.

Palavras-chave: Universidade, Trabalho Docente, Saúde Mental, Cartas.

University, teaching work and mental health: letters from university teachers

Abstract: In recent years, there have been significant transformations in the university environment. These changes have impacted the work of professors, who face diverse demands beyond teaching, research and extension, in addition to administrative and institutional tasks. This scenario has led to the precariousness of university teaching work, with an increase in the intensity and length of working hours, leading to a shortage of time for teachers. In this article, we will analyze the way teachers work, seeking to understand their relationship with mental health problems. Using a qualitative approach, we are based on narratives, exchanges of letters between teachers, in addition to contributions from Mancebo (2007), Antunes and Braga (2009), Bosi (2007) and Lemos (2014) among others. The results indicate that the work carried out in this context affects not only the day-to-day lives of these professionals, but also their mental health. Excessive commitments and overload have led to damage to the mental health of these professionals.

Keywords: University, Teaching Work, Mental Health, Letters.

Universidad, trabajo docente y salud mental: cartas de docentes universitarios

Resumen: En los últimos años se han producido cambios significativos en el entorno universitario. Estos cambios han impactado el trabajo de los profesores, quienes enfrentan demandas diversas más allá de la docencia, la investigación y la extensión, además de tareas administrativas e institucionales. Este escenario ha propiciado la precarización de la labor docente universitaria, con un aumento de la intensidad y duración de la jornada laboral, provocando una escasez de tiempo para los docentes. En este artículo analizaremos la forma de trabajar de los docentes, buscando comprender su relación con los problemas de salud mental. Desde un enfoque cualitativo, nos basamos en narrativas, intercambios epistolares entre docentes, además de aportes de Mancebo (2007), Antunes y Braga (2009), Bosi (2007) y Lemos (2014), entre otros. Los resultados indican que el trabajo realizado en este contexto afecta no sólo al día a día de estos profesionales, sino también a su salud mental. Los compromisos excesivos y la sobrecarga han provocado daños en la salud mental de estos profesionales.

Palabras clave: Universidad, Labor Docente, Salud Mental, Letras.

Introdução

A partir do século XI, surgiram as primeiras instituições de ensino superior no mundo localizadas ao redor do Mediterrâneo. Os centros urbanos medievais Paris, Bolonha e Oxford foram os grandes responsáveis por essas primeiras universidades. Por intermédio delas, eram ministrados os Estudos Gerais, que incluíam as sete artes liberais: o *trivium* – (Lógica, Gramática e Retórica), a *quadrivium* (Geometria, Aritmética, Astronomia e Música) e as três filosofias (Moral, Natural e Metafísica), visando à formação dos autores da Igreja Católica Romana (ALMEIDA FILHO, 2007).

Já em nosso País, conforme Almeida Filho (2007), o advento do ensino superior foi mais tardio, com o surgimento da primeira instituição no século XVIII, mais precisamente no ano de 1808, período quando foi fundada a Escola de Cirurgia do Hospital Real Militar fundada na Bahia. Portanto, apenas nos anos de 1930, se instaurou a implantação de projetos institucionais configurando-se efetivamente como universidade. Isso ocorreu nas cidades de São Paulo, a Universidade de São Paulo (USP) e na cidade do Rio de Janeiro, a Universidade do Distrito Federal, sendo a USP considerada a primeira universidade brasileira, instituída em 1934.

Após o seu surgimento, as universidades têm passado por inúmeras modificações, possuindo como marco principal a crise da acumulação do capital, ocorrida em âmbito internacional no início da década de 1970. Após tal crise, como consequência, ocorreu um declínio nos ritmos de crescimento das economias capitalistas, fato que acarretou mudanças no contexto trabalhista. Assim, entre as estratégias encontradas pelo Brasil para resgatar a capacidade de reprodução do capital, o que impactou diretamente a universidade foi a transferência de serviços públicos para o privado, expandindo a educação superior por essa via e introduzindo, nas instituições públicas, uma tendência crescente de mercantilização da educação superior (BOSI, 2007).

Segundo Nardi (2006), essa conjuntura, que reduz o público ao privado, também atinge e precariza o trabalho docente nas universidades públicas. Com essas modificações no cenário trabalhista, tanto laboral quanto subjetiva, cujo objetivo primordial tem sido o capital econômico, os meios de produção passam a exigir profissionais mais versáteis e multifuncionais, configurando importantes transformações nas relações pessoais e sociais dos trabalhadores, dentre os quais se encontram os professores (PAIVA; GOMES; HELAL, 2015). Estes teóricos nos situam que o capitalismo globalizado, na atualidade vêm se espalhando dos cenários privados para os contextos públicos, fazendo com que o trabalho seja organizado pela mesma lógica, movido pelo produtivismo, pela competição e pela precariedade.

Silva *et al.* (2009) salientam que, atualmente, esse quadro tem se perdurado e tomado dimensões crescentes, pois o novo cenário político tem sido marcado por inúmeros cortes em diversos departamentos da Ciência e Tecnologia, principalmente no que diz respeito às pós-graduações e orçamentos das universidades em setores destinados a gastos não obrigatórios, como gastos com energia e água. Essa contingência nas instituições públicas identifica uma intensificação da mercantilização da educação, contribuindo para que as universidades privadas se ampliem.

O processo de globalização neoliberal impulsionou um novo modelo social, que carrega consigo consequências, as quais inserem valores mercantis ao contexto da educação superior, configurando uma reorganização no funcionamento, especialmente, nas universidades públicas. Esse processo de mercantilização da educação é contraditório quando pensamos a universidade, uma vez que ele é o principal elemento da crise pela qual passa a produção de conhecimento científico e o papel da universidade (LEMOS, 2014). Os valores ideológicos, científicos, estéticos e culturais da universidade são distintos da lógica mercantilista e não podem se subordinar ou reduzir-se a ela, seguindo padrões dos processos produtivos, que são característicos de bens e mercadorias, em que predomina a lógica da sociedade de mercados, que, além de comprometer a sociedade em sua identidade e autonomia, traz consigo significativas consequências no que se refere ao desenvolvimento do trabalho docente. (ALMEIDA FILHO, 2016).

Borsoi (2012) corrobora ressaltando que a precarização, a flexibilização, a alienação e a intensificação do trabalho decorrem, intrinsecamente, das questões relacionadas à mercantilização da educação, na qual a lógica é baseada no produtivismo e lucratividade, passando a compor o cenário laboral do docente, que esbarra em seu ofício com as características do mundo do trabalho voltadas para o capital.

Essa intensificação do trabalho é classificada por Bosi (2007) como extensificação do trabalho, que compreende com o prolongar do trabalho para além dos espaços escolares, demandas visivelmente intermináveis, em que os docentes terão sempre um motivo para trabalhar o tempo todo. Nesse viés, a produtividade se camufla pelo produtivismo acadêmico. Conforme esses autores, a intensificação e a extensificação do trabalho acarretam danos à saúde dos professores, podendo ocasionar cansaço físico e mental, e alterações emocionais, causando sobrecarga ao trabalhador, sendo cada vez mais exigido na função que desempenha, a fim de cumprir as exigências, que o capitalismo lhes impõe, e, no trabalho, superar todos os limites de si próprio.

Contudo, é fato que a atividade docente está cada vez mais desvalorizada devido à degradação da educação superior, resultando em um ambiente de trabalho prejudicial. Estudos indicam que o trabalho dos professores universitários, nas configurações atuais, impacta negativamente a saúde mental dos profissionais dessa classe (MOURA *et al.*, 2019).

É possível verificar que um novo cotidiano vem se configurando nas universidades públicas brasileiras, refletindo as transformações que a sociedade, de uma forma geral, vivencia. Mais especificamente introduzidas no

mundo do trabalho, essas modificações, entrelaçadas a outros processos, como o avanço das tecnologias de informação e o processo de globalização, que configuram ao trabalho e sua produtividade, traçam um novo caráter, que necessita de uma análise cuidadosa (MANCEBO, 2007). Tal autora, ainda, acrescenta que a literatura crítica que problematiza o trabalho docente na educação superior tem se intensificado nos últimos anos no Brasil, em decorrência de uma percepção generalizada de professores universitários e dos pesquisadores desta área quanto ao aumento, intensificação e desvalorização do seu trabalho.

A esse respeito Mancebo (2007) salienta que as universidades são cercadas de numerosos conflitos intelectuais, que permeiam acerca de sua função social, dentre eles tanto a que se refere à sua função profissional exercida quanto à política que relaciona a transformação das desigualdades por meio da educação. Essa infinidade de conceitos contribui para acentuar o sofrimento no ambiente profissional. Esse cenário conflituoso torna a docência uma atividade apta ao sofrimento, que pode se apresentar de forma mais lenta e deteriorar a saúde mental dos docentes.

Mancebo (2007), ao refletir sobre as universidades, afirma que essas instituições estão passando por transformações significativas, fato que é refletido pelas mudanças que a sociedade, de forma geral, também, tem passado, mais especificamente as que estão inseridas no mundo do trabalho. Segundo essa autora, as instituições de ensino superior necessitam adaptar-se às novas composições trabalhistas, como ajustar seus produtos às exigências mais recentes do capital. Essa lógica expõe o professor a três consequências de todo esse processo: a precarização do trabalho, a flexibilização de tarefas e uma nova relação com o tempo que se passa trabalhando. Mancebo (2007), ainda, ressalta que o professor vai para casa somente fisicamente, pois o trabalho o acompanha para além dos muros da universidade em momentos destinados ao descanso e ao lazer. O dia de trabalho não termina, pois, as inovações tecnológicas possibilitam a derrubada das barreiras entre o mundo pessoal e o mundo profissional.

É evidente que o trabalho docente tem passado por inúmeras transformações significativas, principalmente nas universidades públicas federais. Muitos teóricos corroboram a esse respeito. Nos estudos de Diehl e Marin (2016) e Tostes *et al.* (2018), o excesso de trabalho docente tem sido preocupante, já que os dados apontam que esse ofício tem acometido em docentes os adoecimentos mentais.

Considerando as discussões citadas, o presente artigo possui como foco refletir a atividade desempenhada pelos docentes na universidade, buscando relações dela com o adoecimento mental dessa classe. O estudo foi construído no formato de uma pesquisa qualitativa através da análise das cartas escritas pelos docentes, em que foi possível realizar o levantamento dos dados e registros, que acrescentaram credibilidade à pesquisa. Dessa forma, torna-se oportuno indicar como os docentes significam seu trabalho e como descrevem as condições, as formas de organização de seu ofício, as vivências cotidianas de seu contexto de trabalho e as questões que têm impactada a saúde mental deles.

Para a construção dessas reflexões, este artigo foi estruturado em três tópicos. O primeiro, em que apresentamos a introdução, na qual abarcamos as discussões sobre a universidade, expondo suas transformações históricas, sociais e políticas, e atrelando os impactos destas para a profissão docente em suas atividades desenvolvidas. O segundo, em que apresentamos e descrevemos a metodologia utilizada no percurso deste estudo. E o terceiro, em que apresentamos as narrativas autorais, trazendo o pensamento descrito por cada docente em sua vivência acadêmica e atrelando esta aos objetivos de nossa pesquisa. Concluímos com as considerações finais.

Percurso metodológico da pesquisa

A pesquisa apresentada propôs um estudo com abordagem qualitativa na perspectiva das pesquisas narrativas, em que os sujeitos pudessem falar de si e de suas experiências vivenciadas ao longo de sua docência no contexto universitário de modo a contar sua história. Tal escolha foi baseada nos estudos e contribuições de Walter Benjamin ([1936]/1994). Para esse autor, a narrativa está profundamente ligada às experiências coletivas, abrangendo tanto o passado quanto o presente. As lembranças são resgatadas e transmitidas ao ouvinte interessado em conhecer essa experiência e estão fortemente enraizadas na experiência.

Nessa direção, aliamos-nos à narrativa escrita, especificamente ao gênero epistolar cartas, como ferramenta para obtenção de dados empíricos através das reflexões desse teórico sobre a palavra do outro. Compreendemos que as cartas possibilitaram uma escrita livre e reflexiva, sem limitações de extensão ou interrupções e parte de um vínculo afetivo. Foram analisadas 12 cartas trocadas entre docentes no período pós-pandemia entre os meses de julho de 2022 e dezembro do referido ano. Os sujeitos aqui pesquisados possuem vínculos de amizade, trabalham na mesma instituição de ensino superior e atuam em três cursos diferentes e em duas pós-graduações distintas. Tivemos uma interlocutora, nomeada Conceição, que aceitou participar da pesquisa e convidou os dois amigos para iniciar a troca de cartas. Os diálogos fluíram entre Conceição e Antônio e entre Conceição e Coré. A análise foi de cada história, e não da interação entre os docentes.

A pesquisa de campo foi desenvolvida em uma Universidade Pública Federal de Ensino Superior com esses três docentes citados, que atuam nos cursos de graduação e pós-graduação dessa instituição. Com o intuito de manter o sigilo e o anonimato, não divulgamos, neste estudo, o campo de pesquisa nem os participantes. Para

tanto, foram utilizados pseudônimos, a fim de resguardar os participantes. Cabe ressaltar que o presente estudo foi submetido e aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa.

Cartas: a visão docente sobre a profissão exercida no contexto universitário

Após mergulharmos na pesquisa e recebermos o auxílio de nossa interlocutora Conceição, tivemos a oportunidade de conhecer um pouco mais a respeito dos demais educadores mencionados a seguir. Isso nos permitiu aprofundar nossa investigação sobre o trabalho docente realizado e sobre como eles veem as condições e a organização deste e o que tem impactado a saúde mental mediante o trabalho desenvolvido. Aqui, estão nossos colaboradores de pesquisa, Conceição, Coré e Antônio. Foi por meio das correspondências que eles trocaram entre si que conseguimos sintetizar as percepções aqui expostas. Essas correspondências foram transformadas em uma narrativa autoral, mantendo a fidedignidade ao que foi exposto nas cartas, buscando nelas dialogar com os objetivos lançados em nosso estudo.

A elaboração desta análise me fez refletir, também, sobre a própria posição, que ocupo na pesquisa, como uma jovem pesquisadora diante de um contexto complexo, que é a educação superior e seus sujeitos: os professores universitários. Assumir a perspectiva crítica implica me aventurar nesse campo, mas também me posicionar diante do contexto, dos sujeitos e das narrativas. Os trechos aqui apresentados são relatos significativos desses professores, que revelam e abordam questões relacionadas ao seu trabalho e à sua saúde mental na educação superior. Dada sua importância, essas narrativas vão além do texto. Ou seja, muitos são os sentidos construídos a partir dos relatos dos professores, os quais serão integrados nesta análise.

As cartas de cada docente foram condensadas aqui numa única narrativa montada pela pesquisadora, utilizando as frases das cartas e resguardando, assim, os relatos dos docentes. Através delas, foi possível conhecer como cada docente tem percebido o significado do trabalho e a profissão docente que realiza como também seus relatos dos impactos do trabalho na saúde desses profissionais.

Docente “Conceição”

Não imagina que o trabalho docente era tão solitário, isso é algo que ainda me impressiona e a me deixa inquieta, ser educadora é uma escolha política e muito complexa. Não fazia ideia principalmente do trabalho que se leva para casa ou que ela leva na cabeça constantemente, a ausência do trabalho coletivo e o pouco reconhecimento me causam um incomodo grande. Ser docente na universidade pública na dedicação exclusiva me causou um estranhamento, um aprisionamento, reconheço a importância de ser uma servidora pública dedicada à sociedade, com menos conflitos com o capital, com condições de gerar conhecimentos de acesso livre, contudo no exclusivo sinto que sou só trabalho e as condições não tem sido razoáveis, o que me gera um sentimento de culpa de não estar conseguindo fazer direito, pois, possuo a sensação de sempre estar atrasada ou em dívida constante, cansada de tantos jeitinhos e manobras para conseguir trabalhar bem, sinto-me desanimada, com a situação precária que se arrasta, também estou exausta e exaurida pensando que o trabalho docente é cheio de culpa e fico sem entender como isso foi sendo embutido em mim.

Retornar às aulas presenciais, à cidade, à universidade está sendo difícil, readaptar-se é mais desgastante que o isolamento e o ensino remoto, mesmo com as dificuldades e resistências tecnológicas que tive neste período. Meu corpo está desengonçado, desapareceu a ser olhado, vestido e andar calçado, me canso mais fácil e estou sempre com sensação de atraso, os intervalos são curtos, bebo menos água, tenho mais sono e o meu corpo somente quer ficar deitado ou sentado. Sinto-me feliz em rever os colegas longe das assembleias que a desgastam muito, mas o número de e-mails com prazos curtos me assusta, formulários, relatórios. Tenho feito confusões, trocando turmas e horários, desencontrando-me dos alunos. Estou bem chateada, mas estou buscando mais tolerância comigo ser menos exigente e mais paciente.

Os fins de semestre são tumultuados, com inúmeros trabalhos para corrigir, fechar diários, planejar o próximo semestre, definir encargos e horários, fico sempre ansiosa, muito agitada querendo fazer diferente e ter controle do meu tempo no próximo semestre, tipo uma promessa de que será melhor. Espantoso como a vida de professor muda de horário a cada semestre e como isso é cansativo, a vida doméstica, atividade física, tudo precisa se modificar para que se possam encaixar os novos horários de aulas, orientações de projetos, muitas negociações para em alguns meses mudar tudo de novo e de novo. Percebo a necessidade de ter pausas, espaços de tempo não ocupados pelo trabalho, pois minhas férias são sempre invadidas pelo WhatsApp, e-mails, relatórios, artigos, validar matrículas da pós, calendários e processos de trabalho que são estipulados nas férias letivas, isso é muito desgastante. Nós, os docentes não discutimos quase nada sobre os processos de trabalho, gestão de trabalho não é tema de debate e atenção entre nós. E tem a tecnologia de informação e comunicação que aumentou radicalmente o trabalho docente, promovemos eventos, fazemos cartazes, certificados, contratamos cafés, buscamos convidados, contudo temos sido cada vez menos produtores de conhecimento infelizmente. Vamos a eventos com nosso salário, pagamos anuidades, e tem os gastos para publicar.

Impressionante ter que ocupar tantas funções e ainda dar conta de todo resto, com isso meu corpo tem sentido muito, tenho medo de adoecer e não poder cumprir principalmente as bancas que envolvem tantas pessoas e protocolos. Tais acontecimentos têm gerado em mim ansiedade e um estresse extra, tenho pensado que preciso reduzir o número de tarefas, pois não consigo fazer nas horas que possuo do dia, o que está errado, pois não se mede o tempo e tem sido o tema mais pensado por mim nos últimos anos, o tempo. Já são vinte anos de docência e envelhecer tem me possibilitado aceitar e aprender mais sobre mim mesma, abandonar ritmos e modos, com o tempo e com a universidade, nada sem dor.

Alguns debates que participei tem me mostrado pistas sobre pensar o trabalho docente, esse ofício perigoso, esse lugar de desassossego. Olho para sala de aula, pra universidade e sinto tristeza por elas serem tão rígidas, tão conservadoras e ainda tem o capitalismo que anda capturando nosso modo de ensinar-aprender, baseado no produto e não no processo. Me sinto adoecida, já fui ao médico três vezes esse semestre, o médico disse ser sintomas moderados de depressão, contudo insisto que não, mas espero que tudo acabe ao final do mês. Esse é meu dilema com a Pós-Graduação que mistura pesquisa e formação, penso que a política de pesquisa no país, as linhas, grupos e redes de pesquisa, as revistas, as aulas na pós, tudo muito enrijecido, quase sem recursos, pouco conectado. Sei lá, ando com pouca energia até para refletir.

Podemos perceber que, para Conceição, o trabalho docente tem pouco reconhecimento e condições de execução, e, por vezes, é uma prática solitária, além dos conflitos gerados pelo produtivismo e as tecnologias digitais, que aumentaram radicalmente suas funções e tarefas na docência. Conceição, então, denuncia uma sobrecarga, com as altas demandas e intensificação do seu trabalho, desempenhadas no ensino, pesquisa, extensão e gestão universitária.

Na literatura científica, há afirmações, que destacam essa expansão de atividades docentes nas universidades públicas, as quais se referem à professora Conceição. Segundo alguns autores, as atividades docentes vão mesmo além de planejar aulas, lecionar e elaborar e pontuar avaliações (CARLOTTO; PALAZZO, 2006; MANCEBO, 2007; MOURA *et al.*, 2019). As atividades docentes incluem, geralmente, muitas outras funções, como preparar e preencher formulários, elaborar relatórios, compor comissões e outras responsabilidades de gestão universitária, participar de reuniões de diversas ordens, assumir coordenações, realizar submissão de projetos e publicação de artigos, gerenciar projetos de pesquisa, ensino e extensão, criar contas de projetos, administrar recursos, selecionar monitores, bolsistas e docentes, orientar alunos, dar respostas institucionais por diferentes sistemas ou meios de comunicação e participar de eventos dentre tantas outras mais.

Tais expansões do trabalho do professor universitário têm se intensificado à medida que os instrumentos de sua prática são impactados pelas tecnologias de informação e de comunicação, que acessam o docente a qualquer hora e lugar: “Aos professores são crescentemente apresentadas demandas laborais para além de suas funções tradicionais (ensino, pesquisa e extensão)” (GUIMARÃES; CHAVES, 2015, p.569). Assim, a extensão da jornada de trabalho do professor e as diversas atividades desenvolvidas por ele dentro e fora da instituição, *on-line* e *off-line*, em qualquer tempo e espaço, contribuem para a intensificação do trabalho na universidade na era das tecnologias de informação e comunicação.

As demandas aumentam e se diversificam. Para cumpri-las, os docentes acabam por estender a jornada de trabalho, ultrapassando a carga horária semanal com o uso de tecnologias digitais, que transformam o tempo não laboral em horário de trabalho. Nesse cenário, a impossibilidade de não realizar seu trabalho, satisfatória ou adequadamente, gera sentimento de culpa, autocobrança e incapacidade, como expressou Conceição.

Borsoi (2012), também, aborda a flexibilização do tempo e do lugar do trabalho docente ao possibilitar que o docente realize suas tarefas fora do ambiente institucional com pouco controle sobre seus horários e duração do trabalho, bastando um computador com acesso à *internet* e um telefone para manter o vínculo do professor em tempo integral ao trabalho.

A escassez de tempo é destaque na experiência de Conceição e tem sido tema de suas reflexões e, também, de insatisfação e adoecimentos. São muitos sentimentos e sensações desagradáveis que Conceição designa para dizer do seu mal-estar no trabalho, entre elas exaustão, frustração, ansiedade e culpa.

Parafraseando Marx, Antunes (2004, p. 110) nos diz que o trabalho excessivo dos docentes nas universidades tem representado a dilaceração do homem:

[...] o tempo é um mecanismo de desenvolvimento do ser humano. O homem que não possua nenhum tempo livre, cuja vida, interrupções para a vida físicas, o sono e as refeições, estando à vida absorvida pelo seu trabalho para o capitalista, é menos que uma besta de carga. É uma simples máquina, fisicamente destroçada e brutalizada intelectualmente, para produzir riqueza para outrem. E, no entanto, toda a história da indústria moderna revela que o capital, se não tiver um freio, tudo fará, implacavelmente, para conduzir toda a classe operária a esse nível de extrema degradação (Antunes, 2004, p.110).

O tempo extramuro dos docentes não permite desvinculá-los das atividades acadêmicas. A flexibilização do tempo, que aparenta ser um movimento emancipatório, exaure e anula o indivíduo, reduzindo-o a trabalhador

exclusivamente. Assim, temos “a redução do tempo de vida a tempo de trabalho, isto é, a invasão da vida pessoal pelos requerimentos da atividade produtiva do capital.” (ALVES, 2013, p. 177). O docente mantém-se apoiado na crença que a situação vai passar embora o trabalho assuma um caráter mecânico e sem prazer. Diante disso, temos o esgotamento de suas forças.

Conceição, ao pontuar como se sente adoecida, nos remete aos estudos de Moura *et al.* (2019) de que é fato que as atividades docentes estão cada vez mais desvalorizadas num ambiente de trabalho prejudicial, onde ocorre a degradação da educação superior, o que, consequentemente, impacta a saúde mental dos professores universitários. Os Transtornos Mentais Comuns (TMC) são um dos impactos na saúde comumente associados às mudanças no trabalho docente. Os TMC são considerados distúrbios somáticos, de ansiedade e de depressão, e se caracterizam por sintomas, como insônia, fadiga, irritabilidade, lapsos de memória e dificuldades de concentração (COSTA; LUDEMIR, 2005). Os docentes enfrentam as consequências de estarem expostos aos aspectos laborais, que os colocam em situações de sofrimento e/ou adoecimento mental (FERNANDES; ROCHA, 2009; FONTANA; PINHEIRO, 2010). Esse quadro de adoecimento é, também, percebido nos demais docentes, como veremos a seguir.

Docente “Antônio”

Muitas são as dúvidas e incertezas presentes no contexto do trabalho docente exercido por mim e isso tem sido fonte de muito desgaste emocional, muitas mudanças no modo de gerir a vida cotidiana, de uma forma tão ampla e estrutural que sempre fico inquieto, como se a cada dia acordasse e dissesse para mim mesmo “e agora?” Fico em estado de constante alerta, preocupação, junto do sentimento de imprevisibilidade, termino os semestres tão desgastado, sentindo a necessidade de dar pausas. As mudanças de horários semestrais me causam uma quebração de cabeça, pois com isso as tarefas domésticas, o compartilhamento de tempo de trabalho, cuidado com meus filhos e esposa, a própria vida familiar acaba sendo banalizada, isso tem gerado a mim dificuldades, porque nem sempre tenho tempo e espaço para fazer o que desejo, pois quando há pequenos espaços de tempo, estes parecem estar ocupados.

Tenho visto a permissividade meio como regra no ofício desenvolvido, com isso não tem indicadores de processos e resultado do trabalho docente, a reinvenção a cada período, com pouco acúmulo e aprendizagem institucional, também é uma fonte de desgaste. Tenho refletido se é mesmo o cansaço que realmente pega e então penso que não, e sim a desistência, Tenho desinvestido afetivamente de muitas esferas do trabalho docente e isso me deixa preocupado, pois muita coisa podia começar, mobilizar, ajudar a organizar, mas meu estado de desistência é tão grande que a responsabilidade tenho deixado para quem a propôs.

Sinto falta do trabalho coletivo, especialmente o voltado para o ensino da graduação, maior zelo com os estágios, com as discussões de ensino, com as metodologias de ensino e avaliações, com os projetos, tutorias/mentorias, são sonhos que alimento de certo modo com um horizonte, pois tenho visto a desistência como algo bem comum entre meus colegas de trabalho, agravado pelo baixo reconhecimento da relevância do ensino de graduação no ensino na universidade pública. Tenho grande interesse em ver o trabalho coletivo acontecer, mesmo com os desconfortos, com a precariedade de apoio administrativo com a universidade. Acredito que o fato de ter uma visão política da universidade, do seu importante papel, localizo a gestão de um modo coerente.

Meus quarenta e cinco anos têm me cobrado mais parcimônia com as iniciativas, pois me considero uma pessoa meticulosa, sinto dificuldades em mudar isso, talvez em outra vida. Tenho feito um conjunto limitado de coisas, pois sei que me empenharei mais, estou aprendendo a lidar com a vida e com o trabalho como parte dela. A situação política também é um fator que me afeta de maneira intensa, é impressionante, como me causa desgaste e apreensão, mas espero que dias melhores tragam possibilidade de um debate mais qualificado sobre os rumos da vida pública em nosso país e com isso creio em uma situação de mais bonança.

Passo bastante tempo cuidando de minhas feridas, ando me apoiando pelos desgastes que sofro e me recompondo dos atropelos em que sou acometido. Vejo que a universidade tem dificuldades para exercer o seu conhecido tripé de ensino-pesquisa-extensão, um dos motivos é justamente na construção de alianças institucionais que precisam fazer, se deparando com a fragilidade institucional do estado, dos interesses politiquês, do compadrio, do mandonismo, e do clientelismo. Então considero que em determinados momentos os recuos táticos precisam ser considerados mais cuidadosamente, porém esse recuo é coletivo, assim pode-se através deste, ganhar um respiro para avançar mais depois, “divagações”.

Antônio aponta as condições precárias do trabalho docente, o pouco reconhecimento e o trabalho individualizado como elementos centrais, que causam os sentimentos de frustração e de desinvestimento geradores de adoecimentos. A mudança de horários de trabalho semestralmente aparece, também, na experiência desse docente. Essas alterações geram desgastes em seu cotidiano doméstico e sentimentos de preocupação, inquietude e alerta constante diante do imprevisível. Antônio conecta a política nacional às relações na universidade e seu trabalho como servidor público, também gerador de preocupação e mudanças na sua relação com a docência. A

necessidade de estratégias coletivas para enfrentar a precariedade das condições de trabalho na universidade, tanto na dimensão macropolítica quanto das fragilidades locais e relações no trabalho, também, é expressa por ele.

Encontramos, nos escritos de Tardif e Lessard (2008), evidências, que corroboram os expostos pelo professor ao se referir aos afetos. O exercício da profissão docente se alimenta de emoções, vínculos e crenças, que envolvem habilidade não apenas de pensar nos alunos, mas também de perceber e sentir seus medos, alegrias e limites. Para o professor Antônio, o trabalho docente requer comprometimento, dedicação e relações sustentadas pelo diálogo, já que a formação, foco do trabalho docente, se trata de uma atividade coletiva.

As decepções, dentre as alianças e o contexto institucional nas relações de trabalho, são colocadas por Antônio como feridas, que o levaram ao desinvestimento na carreira, deixando de realizar algumas atividades na universidade. Ainda assim, discorre sobre as estratégias de resistência para permanecer no trabalho, que envolve realizações individuais com menos sentimento de pertença e de investimento no trabalho docente.

Ao narrar esse desinvestimento em determinadas instâncias de seu trabalho, buscamos compreender essa gama delicada na fala do professor, que indica uma combinação entre desistência e resistência. O investimento do docente está em determinadas tarefas, realizando-as em quantidades limitadas e acreditando que será melhor em breve. Segundo Caldas (2007), os termos desistência e resistência são antagônicos, mas inclusivos de um mesmo processo e se constituem em um par dialético. A desistência é entendida como a perda de sentido, o descomprometimento dos docentes com o trabalho, com a carreira e com os seus destinatários. Já as manifestações de resistência possuem um caráter emancipatório e representativo, constituindo-se como espaço de luta e continuidades. A crença de que no futuro irão melhorar as condições de trabalho na universidade parece ser um elemento, que mantém Antônio nesse processo dialético.

O professor Antônio sente que seus espaços de tempo estão todos sendo preenchidos pelo trabalho. Encontramos exposições dialógicas, que complementam e são similares aos expostos pelo professor, em que ele vê suas relações familiares banalizadas pela falta de tempo, questões que são fontes de desgaste. Encontramos, nas discussões de Cecílio e Reis (2016) e de Mancebo (2007), afirmações de que o trabalho docente parece não ter fim, pois as demandas acompanham o professor independentemente do lugar onde ele esteja. Esses mesmos autores ressaltam que as mudanças no processo de produção de organização do trabalho tendem a precarizar o trabalho, pois os que trabalham se veem mergulhados em jornadas, que excedem seus horários de trabalho, quando as atividades nem sempre são concluídas na instituição e o docente leva mais trabalho para casa. Isso o impede de conviver com as pessoas e com suas famílias pela falta de tempo. Dessa maneira, o trabalho, ao invadir a vida pessoal, molda a forma de vida do docente, em seu aspecto familiar e social, e pode comprometer a saúde mental do professor.

Conforme Borsoi (2012), a sobrecarga, as condições inadequadas de trabalho e as jornadas diárias sem limite de tempo compõem um conjunto de fatores, que sustentam uma percepção negativa do trabalho docente. Tais fatores, somados à carga emocional, criam um estresse mental significativo, que, se não forem constatados, podem levar a desequilíbrios emocionais e comportamentais, alterações no estado mental e consequente comprometimento no desenvolvimento educacional. (MOURA *et al.*, 2019).

Antônio relata essa situação de desgaste emocional, que, segundo Carlotto e Palazzo (2006), é caracterizada por uma superabundância ou ausência de recursos emocionais juntamente com falta de energia física e mental, que, por sua vez, aumentam os sentimentos de frustração e tensão ao perceber a incapacidade de administrar a esfera emocional.

No centro de um processo de precariedade organizacional e governamental, Antônio diz se encontrar e tem se sentido cada vez mais pressionado diante de controles institucionais e situações conflituosas nas relações de trabalho, que afetam sua saúde mental. Isso se evidencia quando diz que tem passado bastante tempo cuidando de suas feridas, buscando apoio e recompondo-se dos atropelos e sofrimentos advindos do contexto universitário do trabalho. Verificamos que estratégias de resistência ativas por ele para permanecer no trabalho envolvem realizações individuais com menos sentimento de pertença e de investimento no trabalho docente.

Docente “Coré”

Tenho sentido a necessidade de falar de mim, mesmo fazendo terapia uma vez por semana. Mesmo antes da pandemia e pós-pandemia já me sentia adoecida, como uma tristeza cristalizada e uma falta de energia para realizar as atividades cotidianas. O tempo tem me atropelado fazendo com que me sinta sempre em dívida, com a família, colegas, orientandos, estudantes e amigos, a sensação é que não consigo terminar nada do que começo, tudo em atraso, sempre atrasada. Não sinto prazer no peso das cobranças. Antes da pandemia voltando de um Congresso já estava exausta, exaurida, na volta já com a pandemia na porta entrei em isolamento, achava que por pouco tempo, então descansei. Passei muitos momentos em família. Mas a satisfação em descansar foi virando culpa, pois achava aquela situação boa, porque precisava parar um pouco, parar o tempo, então me senti responsável por aquele hiato na história da humanidade.

Em 2020 dividi as tarefas domésticas com a novidade do trabalho remoto, no final deste mesmo ano travei uma batalha na universidade, pois alguns setores defendiam a volta do trabalho presencial, seguindo o rastro

negacionista do governo federal, foi um tempo em que trabalhei muito e aos poucos o cansaço começou voltar. Virei 2021 a beira da exaustão, sendo 2021 um ano de muita tristeza e muito cansaço. Presenciei o longo e doloroso processo de internação até a morte de um amigo querido. Fui perdendo a vontade de viver, as aulas, reuniões me deixavam exausta, nada me dava energia. Encontrei-me pouco com as minhas filhas, participei de poucas atividades sociais remotas, pois as obrigatórias já me exauriam o suficiente. Passei horas trabalhando no computador e nas redes sociais pelo celular, meu mundo ficou restrito o meu quarto, a janela da internet ocupava meu espaço social presencial e desfigurava a minha realidade, além de tudo meu companheiro passou por duas cirurgias sérias o que intensificou as tensões em minha sua vida.

Passando 2021, o ano de 2022 começou com ventos mais leves pela vacinação e esperanças de mudanças políticas, mas me contaminei pela COVID, fiquei derrubada, e isolada senti prazer na solidão, querendo manter-me longe do mundo e das pessoas, entretanto o destino me resgatou fiz uma viagem depois do isolamento e recuperação da COVID em que pude rever amigos e me reconectar com meu companheiro, então coloquei meus medos para fora e finalizei a viagem com esperanças renovadas. Daí para frente à vida tem sido um tobogã, a qual tenho vivido momentos de energia seguidos de desânimo e paralisia. Tenho tido dificuldade para se vestir, andar e se portar em eventos sociais.

Mas consegui pedir ajuda aos amigos que estão me ajudando a abrir mão de certos projetos e atividades de muitas demandas e a finalizar outros que se arrastavam há anos. As aulas presenciais também estão me ajudando, pois estar com os estudantes, mesmo compreendendo as dificuldades deles, sociais, educacionais e financeiras, me faz sentir viva, o contato físico tem sido para mim revigorante e neste ritmo tenho me sentido melhor, me mudei de casa, agora me senti fora do isolamento que havia me colocado e que mesmo com a abertura da pós-pandemia não conseguia sair, além disso o nascimento de minha neta veio como um presságio de vida e esperança.

O tempo tem passado depressa e sinto que preciso lidar com isso. Nas mudanças que fiz em sua minha vida troquei as orientações de mestrado pelas orientações de estudantes nas graduações nos trabalhos de conclusão de curso, desde quando me senti adoecida, com os processos depressivos, senti que podia mais atrapalhar do que ajudar, isso me oprimia, na graduação é mais leve e menos peso, contudo sair da pós-graduação não significa que abandonei a pesquisa, ainda participo de grupos mais sem coordenar o que me favorece e fica mais leve e posso trabalhar com prazer produzindo mais.

Tenho feito aulas online de espanhol, voltei a ler livros de literatura e também tenho feito crochê, mas ainda têm muitas coisas que desejo fazer. Às vezes senti vontade de me aposentar, mas sei que adoecida não aproveitaria nem o tempo livre, então tenho tomado meus remédios e me esforçando para manter uma vida mais ativa e saudável, ando mais a pé, encontro com mais pessoas e me sinto mais viva, talvez como consequência tenho dado mais valor à vida.

Meu pedido é sempre mais tempo, sei que são muitos os problemas, mas tenho buscado soluções dentro de mim, me acolhendo e me compreendendo, pois estou brigando menos comigo e fazendo o que é possível, pois sei que a autoexigência é desmedida e adoecedora, então estou me freando e assumindo a minha imperfeição e a mim mesma como uma pessoa com deficiência biopsicossocial. Tenho aprendido muito com as alunas. “Os e as estudantes são uma escola.”

Coré destaca a situação sanitária e política ocasionada pela pandemia e a relação com o trabalho remoto com contextos de sofrimento ainda que sua exaustão seja anterior a esse período. O quadro de adoecimento de Coré é bem descrito por ela. Por mais que o trabalho seja adoecedor, estar fisicamente com os estudantes é energizante, aponta a docente.

Mais uma vez, as mudanças no dia a dia do trabalho docente, relacionadas ao ritmo e ao tempo, também, apareceram na experiência de Coré. O tempo produtivo é o capitalismo definindo nossas relações sociais em todas as esferas, não apenas no trabalho. Isso é verificado tanto pela intensificação quanto pela pressão sobre a atividade desempenhada, visando a atingir os parâmetros de produção acadêmica crescente e, ainda, o aumento do tempo que os professores se dedicam ao trabalho. Dessa forma, os profissionais passaram a se submeter a uma nova lógica de organização temporal, caracterizada por uma jornada de trabalho intensiva e extensa. Essa última é facilitada pela introdução de novas tecnologias eletroeletrônicas, como *e-mail*, *notebooks*, *tablets* e *smartphones*, que acompanham os profissionais para além do ambiente de trabalho (MANCEBO, 2007). Como consequência, o tempo disponível para que os professores trabalhem com tranquilidade, atualizem-se profissionalmente e dediquem-se ao lazer e convívio social foi reduzido (CARLOTTO; CÂMARA, 2017).

Tais observações confirmam que o trabalhador virou um prisioneiro do tempo de trabalho, cuja rotina não inclui mais tempo disponível para lazer, socialização, atualização ou descanso suficiente. Portanto, o centro desse problema não se concentra apenas na pressão a que o trabalhador está sujeito nas condições de trabalho, mas sim na dificuldade, cada vez maior, que ele enfrenta em encontrar tempo para recarregar as energias e cuidar da vida e da própria saúde.

Há, então, uma sobrecarga e condições inadequadas de trabalho, acarretando sérias consequências para a saúde dos docentes, especialmente em termos de esgotamento físico e emocional (LIMA; LIMA-FILHO, 2009). Pressionados por resultados, produções científicas, demandas administrativas e comunicacionais, e pela exaustiva

carga de trabalho, os docentes são levados à exaustão (FORATTINI; LUCENA, 2015). Nessa perspectiva, Cunha (2009) denuncia que essas configurações no trabalho criam as diversas exigências necessárias a esse perfil de profissional docente, que precisa adaptar-se às rápidas mudanças, as quais ocorrem no mundo do trabalho, exigindo que os professores sejam flexíveis e ágeis, mas que, na maioria das vezes, não lhes são oferecidos subsídios necessários, fato que vem contribuindo para os desequilíbrios emocionais entre esses profissionais.

As afirmações de Coré sobre sua exaustão deixam evidente que as configurações do trabalho docente têm conduzido o profissional a uma rotina fatigante e à exaustão, porque as atividades da vida cotidiana passam a ser gerenciadas e integradas a outros aspectos e papéis, que eles assumem no contexto de sua vida privada. Uma invasão do trabalho na esfera privada é, muitas vezes, facilitada pela flexibilização caracterizada pela não obrigatoriedade de o docente permanecer na universidade durante a jornada de trabalho, permitindo atividades acadêmicas fora do espaço universitário (BORSOI, 2012). Essa autonomia, muitas vezes vista como um aspecto positivo da carreira, pode ser prejudicial no contexto de pressão para produzir. Esses fatores resultam, nas palavras de Carlotto e Câmara (2017), em improdutividade, impaciência, irritabilidade e ansiedade, além de sintomas psicossomáticos, como: insônias, úlceras, dores e uso de álcool e medicação, havendo, então, uma necessidade emergente de se enxergar a saúde psíquica como indispensável para o desenvolvimento das demandas acadêmicas satisfatórias assim como na interferência positiva em seus convívios social e familiar.

A deterioração do trabalho tem sido responsável pelo agravamento das condições de saúde e pela alteração do perfil epidemiológico de adoecimento dos trabalhadores. Na esfera educacional, em particular no ensino superior, esse processo se manifesta de forma acentuada devido às profundas mudanças na rotina das atividades de ensino, pesquisa e extensão (NECKEL; FERRETO, 2006; BOSI, 2007).

Os relatos de rompimento com atividades devido à exaustão causada pelo trabalho, os quais ressalta Coré, têm apoio nas considerações de Lemos (2014), que nos diz que o ofício dos docentes tem sido caracterizado pela exposição contínua a fatores desestruturantes de natureza psicossocial. Isso gera, nos profissionais das instituições de ensino superior, um processo de fragilização orgânica, existencial e de identidade, tornando-se um trabalho patológico.

As estratégias individuais de Coré para diminuir o trabalho foram: sair da pós-graduação mesmo demonstrando interesse pela pesquisa e por orientação; retomar prazeres na vida fora do trabalho; e estar com as estudantes na graduação, o que a revitaliza além do processo de psicoterapia. Ainda assim, Coré deseja ser ouvida, e não é pelo profissional terapeuta que ela se refere. Poderia inferir que seria pelos pares, para partilhar e legitimar sua dor, ou pela sociedade, em busca de reconhecimento e resgate do sentido no trabalho.

Vemos que os constantes desgastes, aos quais os professores estão sujeitos no dia a dia de trabalho, afetam, significativamente, sua saúde mental e têm feito com que alguns profissionais tenham de abandonar certas funções, para que seus afazeres façam mais sentido e para que, também, possam cuidar de si e de sua saúde. Ao se referirem ao cenário diversificado e intensificado da prática docente, Conceição, Antônio e Coré dizem do desinvestimento na universidade e, agora, buscam colocar o trabalho em outro lugar, e não mais como atividade principal ou central da vida.

Conforme exposto ao longo desta análise, a intensificação, a precarização e a produtividade acadêmica são termos-chave no contexto do trabalho docente universitário. Nota-se que a intensificação vai sendo instituída e normatizada, como podemos verificar na fala de Conceição:

Precisamos, de fato, ter pausas, garantir espaços de tempo não ocupados pelo trabalho. As férias são invadidas de zap, e-mail, relatório, artigo. Essa semana de férias foi a matrícula da pós, que temos que ficar validando. O próprio calendário e processos de trabalho tá estipulado nas férias letivas. Isso é muito desgastante.

O trabalho docente no ensino superior, cada vez mais afetado pelas exigências do mundo contemporâneo e capitalista, reflete nas percepções e emoções dos docentes universitários em relação ao próprio trabalho. São inúmeras as modificações e novas configurações no trabalho do docente nas duas últimas décadas:

Olha, a tecnologia de informação e comunicação também aumentou radicalmente o trabalho docente. Somos curadores e divulgadores de informação e conhecimento, além de produtores, aliás, temos sido cada vez menos produtores de conhecimento, infelizmente, acho eu. Promovemos eventos. Fazemos cartaz, certificados, contratamos o cafezinho, buscamos os convidados na rodoviária, na pousada ou levamos pra casa. E os eventos que vamos com nosso salário? As anuidades das associações científicas e os gastos para publicar. Ou os inúmeros procedimentos para conseguir um recurso. (Conceição).

O cenário de precarização do trabalho docente fica evidente, também, na burocratização e nas inúmeras e diversas funções, que esse trabalhador vai assumindo e desempenhando na educação superior. As estratégias de enfrentamento às condições colocadas e meios de preservação da saúde mental são ainda incipientes, de caráter individual, sem apontamentos para modificar a organização do trabalho na universidade estudada. Ou seja, o

adoecimento docente se perpetua diante da não coletivização dos processos de trabalho deteriorantes, que estão submetidos juntos. Os significados do trabalho de pertença, de satisfação e de reconhecimento, que estão se desmanchando afetam expressivamente a saúde mental dos docentes.

Considerações

As novas demandas e atividades do trabalho docente no ensino superior exigem mais tempo e se estendem para casa na flexibilização e exploração dos trabalhadores, no caso da educação. Os docentes universitários estão sob condições inadequadas de trabalho, jornadas extensas sem delimitações específicas de tempo e espaço, à pressão pela produtividade, à sobrecarga e à falta de recursos, evidenciando a precarização, intensificação e extensificação do trabalho, que constituem fatores, os quais, juntos, correspondem a uma percepção negativa do trabalho docente por esses sujeitos. Mergulhados em multitarefas e atividades em excesso, a satisfação no trabalho fica reduzida e a autocobrança e culpa elevadas, que geram impactos tanto para a trajetória profissional dos docentes assim como para sua vida cotidiana e saúde.

Notamos que os docentes estão imbuídos da intenção de investimento no trabalho, escolheram a profissão e têm capacidade e comprometimento para desempenhá-la bem. Contudo, a organização, os processos e as condições de trabalho vêm minando a potência de trabalho desses docentes, que se sentem adoecidos e, por vezes, culpados por não estarem respondendo adequadamente às demandas de trabalho.

Os modos como o trabalho do docente se estabeleceram com ritmos e multitarefas, com processos e condições de sua realização nas universidades públicas brasileiras, engendram impactos na saúde mental, exigindo repensarmos a lógica de organização do trabalho na Educação Superior. Dentre as mudanças mencionadas, merece destaque a ampliação do trabalho docente na universidade para o âmbito doméstico, ultrapassando os muros das instituições e elevando o trabalho com cargas horárias exaustivas bem como a variedade de atividades extras, que os professores devem desempenhar. A pressão por produtividade, especialmente na pós-graduação, tem nos levado a refletir sobre os processos de adoecimento dos docentes e sobre a própria natureza do seu trabalho na era digital e no capitalismo exacerbado.

Referências

Almeida, F. N. (2007). *Universidade Nova: Textos Críticos e Esperançosos*. Brasília: Ed. da UnB; Salvador: EDUFBA.

Almeida, F. N. (2016). A universidade brasileira num contexto globalizado de mercantilização do ensino superior: colleges vs. Vikings. *Revista Lusófona de Educação*, Campo Grande, Lisboa, v. 32, n. 32, p. 11-30. doi: Não disponível

Alves, G. (2013). *Dimensões da Precarização do Trabalho: ensaios de sociologia do trabalho*. Bauru, SP: Canal 6.

Antunes, R. (2004). *A dialética do trabalho, escritos de Marx e Engels*. São Paulo, SP: Expressão Popular.

Benjamin, W. (1936) *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. São Paulo, SP: Brasiliense.

Borsoi, I. C. F. (2012). Trabalho e produtivismo: saúde e modo de vida de docentes de instituições públicas de Ensino Superior. *Cadernos De Psicologia Social Do Trabalho*, 15(1), 81-100. doi.org: 10.11606/issn.1981-0490.v15i1p81-100

Bosi, A.P.(2007). A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior do Brasil nesses últimos 25 anos. *Educação e Sociedade*. Campinas, v. 28, doi.org/10.1590/S0101-73302007000400012

Caldas, A. R. (2007). *Desistência e resistência no trabalho docente: um estudo das professoras e professores do ensino fundamental da Rede Municipal de Educação de Curitiba*. (Tese de Doutorado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba: PR.

Carlotto, M. S. & Câmara, S. G. (2017). Riscos psicossociais associados à síndrome de burnout em professores universitários. *Avances en Psicología Latino-americana*, doi.org/10.12804/10.12804

Carlotto, M. S., & Palazzo, L. dos S.. (2006). Síndrome de burnout e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores. *Cadernos De Saúde Pública*, 22(5), 1017–1026. doi.org/10.1590/S0102-311X2006000500014

Cecílio, S., & Reis, B. M. (2016). Trabalho docente na era digital e saúde de professores universitários. *Educação: Teoria E Prática*, 26(52), 295–311. doi.org/10.18675/1981-8106

Costa, A. G. da ., & Ludermir, A. B.. (2005). Transtornos mentais comuns e apoio social: estudo em comunidade rural da Zona da Mata de Pernambuco, Brasil. *Cadernos De Saúde Pública*, 21(1), 73–79. doi.org/10.1590/S0102-311X2005000100009

Cunha, K.W.V. (2009). *A produção científica no Brasil nos anos de 2003 a 2008 sobre Síndrome de Burnout e docência*. . (Dissertação de Mestrado em Saúde Pública)–Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fiocruz, Rio de Janeiro.

Diehl, L. & Marin, A. H. (2016). Adoecimento mental em professores brasileiros: revisão sistemática da literatura. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 7(2), 64-85. Recuperado em 18 de janeiro de 2024, de [HTTP://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072016000200005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072016000200005&lng=pt&tlng=pt).

Fernandes, M. H., & Rocha, V. M. (2009). Impact of the psychosocial aspects of work on the quality of life of teachers. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 31(1), 15–20. doi.org/10.1590/S1516-44462009000100005

Fontana, R. T., & Pinheiro, D. A. (2010). Condições de saúde auto-referidas de professores de uma universidade regional. *Revista Gaúcha De Enfermagem*, 31(2), 270–276. doi.org/10.1590/S1983-14472010000200010

Forattini, C.D., & Lucena, C. A. (2015) Adoecimento e sofrimento docente na perspectiva da precarização do trabalho. *Laplage em Revista*, Sorocaba, doi.org/10.24115/S2446-622020151219p. 32-47

Guimarães, A. R., & Chaves, V. L. J. (2016). A intensificação do trabalho docente universitário: aceitações e resistências. *Revista Brasileira De Política E Administração Da Educação - Periódico científico Editado Pela ANPAE*, 31(3), 567–586. doi.org/10.21573/vol31n32015.59914

Lemos, D. V. da S. (2013). Precarização do trabalho docente e os impactos na saúde – o professor no seu limite. *Revista Entreideias: Educação, Cultura E Sociedade*, 3(1). doi.org/10.9771/2317-1219rf.v3i1.7028

Lima, M.F.E., & Lima-Filho, D.O. (2009). Condições de trabalho e saúde do/a professor/a universitário/a. *Ciências & Cognição*, 14(3), 62-82. Recuperado em 18 de janeiro de 2024, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212009000300006&lng=pt&tlng=pt

Mancebo, D. (2007). Trabalho docente: subjetividade, sobreimplicação e prazer. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 20(1), 74–80. doi.org/10.1590/S0102-79722007000100010

Nardi, H.C. (2006). *Ética, trabalho e subjetividade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Neckel, F., & Ferreto, L. E. (2006) Avaliação do ambiente de trabalho dos docentes da Unioeste campus de Francisco Beltrão-PR. *Revista Faz Ciência*, v. 8, n. 1, p. 183-204, ISSN1677-0439. doi : não disponível

Paiva, K. C. M.; Gomes, M. A. N. & Helal, D. H.(2015). Estresse ocupacional e síndrome de Burnout: proposição de um modelo integrativo e perspectivas de pesquisa junto a docentes do ensino superior. *Gestão e Planejamento*, Salvador, v. 16, n. 3, p. 285-309., ISSN: 2178-803. **Dóci não disponível**

Sguissardi, V.; & Silva Júnior, J. R. (2009). *Trabalho intensificado nas federais: pós-graduação e produtivismo acadêmico*. São Paulo: Xamã.

Tardif, M., & Lessard, C.(2008). *O Trabalho Docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Tradução João Batista Kreuch. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

Tostes, M. V., Albuquerque, G. S. C., Silva, M. J. S., & Petterle, R. R.. (2018). Sofrimento mental de professores do ensino público. *Saúde Em Debate*, 42(116), 87–99. doi.org/10.1590/0103-1104201811607

Informações sobre os autores

Eva Flávia de Oliveira da Silva: Mestre em Educação pela Universidade Federal de São João del-Rei (2023). Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais (2018).

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-5706-0039>

E-mail: flaviaoliveiravoley@aluno.ufsj.edu.br

Cássia Beatriz Batista: Professora Doutora Membro Docente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei, Campus Dom Bosco, Minas Gerais, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9393-0340>

E-mail: cassiabeatrizb@ufsj.edu.br